

Astragalus granulosus - *Stella*

Ex. Sr. Agrados muito a remessa dos *Astragalus*, que foram para o meu trabalho de um grande al-
cançe, permitindo-me discernir o *A. algarviensis* Cos. - que não conhecia - e resolvendo-me as duas das sobre
o *A. hypolepis* Brot. É curioso que nem a diagnose nem a estampa da "Phytographia" condizem ex-
atamente com a planta de Coimbra; mas, visto que n'esta localidade não aparece outro que mais
se ajuste ás indicações botánicas, creio bem que seja d'este que se trata. É um indivíduo igual
ao *A. granulosus*, Lge., mas o nome é em d'averi mudar, por ser foi empregado por Lamerck
para especie diversa. Além d'isso eu não vejo em tal *A. granulosus* Lge. (non Lank.) nem
do em uma variedade pouco distincta do *A. glaucus*; porisso o filio n'esta, como varie de
de *Broterius*. Devo observar que o exemplar do herbário estrangeiro, proveniente da Univer-
sidade de Montpellier, não pertence, como indica a etiqueta, ao *A. glaucus*, com é muito
diversa pelo aspecto e caracteres. Também tive um exemplar do *Algarve* classificado
do em d'averi como *A. granulosus* e, sem hesitação possível, o *A. stella*, planta que
também se encontra no alto Douro. Provemente mandarei os exemplares, com
do *Ulex* e com a *Ottia* de *Nelato*.

O *Trifolium pratense* apresenta aqui no norte, além do typo e da variedade *bractea-*
tum, Salz, uma raça muito característica, que domina principalmente nas regiões elevadas
do Minho, Douro e Beira Baixa. Esta raça caracteriza-se bem por ter as estipulas to-
talmente pilosas, mesmo na bainha ou parte inferior, e por ter os foliolos glabros por
cima. Estes caracteres, com outros menos salientes, são sempre concordantes, simultâneos.

Parece-me que constitua a raça *nivale* (Sieb.); todavia, como não possuo exem-
plares d'esta, não tenho a certeza. A raça *nivale* tem as bainhas glabras na parte
inferior; se tem também os foliolos glabros por cima, claro está em que pertencem
os novos exemplares. Se V. Ex.ª tiver o *nivale* pode fazer a verificação? Seria
util ligar-me isto. Com os foliolos da *nivale* sejam pilosos por cima, então

a nossa forma é diversa. N'este caso seria bom comparal'a com a forma de Boissier a que o m. Moir attribuiu uns exemplares da Petrella. Essa forma (creio que se denomina pyrenaicum - atou a citar de Cór) não sei se tem os foliolos glabros por cima, pois não o dizem nem Willk. nem Bois. Eu creio eu suspeito que a forma de Boissier, a nossa forma do norte e a nivale seria tudo a mesma coisa. Poderá v. Ex.^{ta} verificá-
em?

O m. Moir também refere uns exemplares de Loucheux de corolas marcellulms. Como tem estes exemplares as stipulas, glabras ou pilosas? É a pagina superior dos foliolos? Poderá v. Ex.^{ta} dizer-me'o?

Acabei hoje o genero Lathyrus e como amanha o genero Vicia, que é o ultimo d'esta estirpe familia das Leguminosas. V. Ex.^{ta} tem ahí qual-
que novidade d'estes generos para Portugal?

No genero Lathyrus nada acrescento ao indicado nos trabalhos do m. de Moir, a não ser o seguinte:

Ha annos colhi pela primeira vez na Franja um Lathyrus que algum tempo depois descrevi nas "Annuaire de Sc. Nat. de Paris", como variedade argenticopus do L. pal. hustri. Claro está que o nome é mal feito, por ser a formação hybrida, mas ainda assim penso que seria melhor remetter-se, por o hybridismo dos termos se frequente nas sciencias naturaes e empregado por bons auctores, melhor a nos permanentemente se reparate contra o erro.

Ora essa planta é exactamente a distribuida na Fl. de Coimbra com o nome de L. palustris, em exemplares de Bussan.

Quando fiz a diagnon da variedade fizeti com a suspeita de que se trata-
tava, antes, de uma especie autonoma. Tratou, pois, de me prevendois com um

meros exemplares estrangeiros do L. palustris de diversas regiões e países (França, Austria, Itália, Alemanha) que não posso. A comparação d'esses exemplares com a nossa planta confirma-me, realmente, que o Lathyrus da França e Bussaco constituem uma espécie muito diversa pelo aspecto e por numerosos caracteres, alguns dos quais valiosíssimos.

Do exame dos exemplares estrangeiros resultou que eu verificasse no L. palustris um caracter notabilíssimo, a que não acho nenhuma das descrições que conheço. Esse caracter consiste em que o estandarte apresenta internamente duas hordas salientes, embora menores que as do L. clymenum, mas bem visíveis e com cicatrizes externas. Ora como este caracter é constitutivo de espécie especial, admira-me realmente, que não fosse ainda notado, porque aproxima o L. palustris do L. clymenum e L. articulatus.

Ora a planta da França não tem este caracter. Além d'isto differença do L. palustris por muitos outros caracteres, como-segure: folhas inferiores simples ou reduzidas a pequenas estipulas, caulis não alado, folíolos mais coráceos, quasi sempre pilosos nas margens (sobretudo em novos) com a pagina inferior provida de pequenas glandulas mais ou menos abundantes, pelos peduncullos mais grossos, muito acrescentados, tornando-se muito grossos e muito longos na prostração, pelo estandarte nunca pubescente na margem superior, pelos flores um pouco menores, pelos fructos muito diversos, mais longos e bem mais estreitos, sobrios, um pouco aquilados e de faces não venozas, pelos sementes negros de hilo diverso.

Como V. he.ª vê, trata-se de uma espécie bem definida por caracteres precisos. Brotos cita no país, ao sul, o L. palustris, e pela sua diagnose

personal, parece que não ha duvida de que se trata realmente d'esta especie L. palustris.

Porque V. Ex.^a esta planta de sul do paiz?

Willkomm descreve como variedade de L. palustris uma forma de caulis não alados. Será a planta da Franja? Será necessario verificar no herbario Willkomm uma variedade porque os outros caracteres de uma L. angusticaulis.

Protho descreve na Flora o L. articulatus e o L. elymeris, sendo um como annual e outro como perenne. Não meubo isto, assim como não acho, que se aponta bem a sua diagnose e segundo os verdadeiros L. elymeris, planta que não conheço de Portugal, onde só conheço a forma L. articulatus, de estypana sem apendice e vagens não melindas no soro. Será a planta de Protho coisa diversa?

Cumfim, eu mortifico-o com perguntas e não sei quando isto terá fim. Mas... o desejo de acertar e fazer obra o mais bimpa possível chega a vencer o desporto que tenho de importunal'o tantas vezes. Que V. Ex.^a me perdoe, por amor da Botânica.

Por cá tudo continua na mesma, persistindo a utopia de um ter a cabeça cheia de ideias e de planos de reformas salvadoras. No meu curso de histologia vêm poucos e não sei como esta coisa dá' bons resultados, visto que technica só se adquire praticando e os maefaires dos sapozos não querem praticar. Claro está que, depois, têm um recurso: é chamar contra a insufficiencia do ensino e contra a incapacidade mental e moral dos mestres. É o governo impudico, dá' uns rasões, e castiga-nos, pobres thalassos que cá estamos para qualquer de tudo. Que injuncta coisa me está salindo a mimdo!

Se V. Ex.^a

Luís de Sampaio

Porto, 18-12-1910.